



Apesar do recuo em relação à candidatura ao governo do Rio, partido quer Molon fora e caminho livre para Ceciliano disputar o Senado

PT pressiona PSB em troca de apoio a Freixo

» VICTOR CORREIA

PT e PSB têm que resolver ainda hoje a crise entre os dois partidos no Rio de Janeiro por causa da disputa da vaga ao Senado. A executiva nacional petista se reuniu, ontem, para bater o martelo sobre o pedido de rompimento com a candidatura de Marcelo Freixo ao Palácio Guanabara, apresentado pelo diretório fluminense na terça-feira. Porém, os dirigentes adiaram a decisão para o último dia da janela das convenções partidárias.

O apoio do PT a Freixo deve ser mantido. Isso porque, ontem, uma ala que defendia o rompimento voltou atrás e sinalizou que é melhor manter, oficialmente, o apoio ao candidato do PSB. O vice-presidente nacional da legenda, o ex-prefeito de Maricá (RJ) Washington Quaquá, retirou o recurso que havia apresentado à executiva defendendo o rompimento.

“As últimas divergências ocorridas em relação ao acordo feito e descumprido pelo PSB não podem prejudicar o principal. Por isso encaminho à direção nacional



Reafirmamos a nossa disposição de construir um grande palanque no estado do Rio de Janeiro, com Marcelo Freixo governador e André Ceciliano senador”

Trecho da nota do PT nacional, assinada pela presidente Gleisi Hoffman

do PT a retirada de meu recurso e solicito que seja dada a orientação para a militância que, mesmo tendo dado o apoio formal do PT à chapa do PSB, busque ampliar ao máximo o palanque do presidente Lula no estado”, diz o documento assinado por Quaquá.

Pressão

O PT, porém, não deixou de pressionar o PSB. O conflito ocorre por causa da disputa entre os dois partidos pela candidatura ao Senado: os petistas defendem André Ceciliano, presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), enquanto

o PSB apoia o deputado federal Alessandro Molon. A movimentação do PT para romper a aliança ocorre porque acusam Molon de ignorar um acordo feito, no final do ano passado, para sair do páreo — o parlamentar nega ter participado de qualquer arranjo.

Em nota assinada pela presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann, e pelo coordenador do Grupo de Trabalho Eleitoral do partido, deputado federal José Guimarães (CE), o partido reforçou a pressão para que Molon desista do Senado. “Reafirmamos a nossa disposição de construir um grande palanque no estado do Rio de Janeiro, com Marcelo

Freixo governador e André Ceciliano senador”, diz o documento. “Esperamos que na sexta-feira, prazo final para a realização de convenções partidárias, a direção do PSB confirme o cumprimento do acordo político em torno dessa unidade.”

A direção nacional dos socialistas, por sua vez, decidiu na quarta-feira estrangular a candidatura de Molon para que ele desista do projeto e, assim, resolver o impasse. Caso mantenha a disposição de concorrer ao Senado, o deputado federal não terá acesso aos recursos do Fundo Eleitoral para a sua campanha.

Parte considerável da legenda quer manter o acordo com o PT e conseguiu aprovar a sanção contra Molon, na expectativa que ele desista. O deputado é apoiado por outra ala dos socialistas, especialmente pelo presidente nacional da sigla, Carlos Siqueira, que votou contra o estrangulamento da campanha. Nos bastidores, corre que o PT está ameaçando retirar o apoio também a Danilo Cabral (PSB), em Pernambuco, caso a situação no Rio não seja resolvida.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



MDB do Rio “cristianiza” Simone e apoia Lula

Em 15 de maio de 1950, os dirigentes do PSD, reunidos na casa de Cirilo Júnior (presidente do partido), decidiram lançar a candidatura de Cristiano Machado à Presidência da República. O general Góis Monteiro transmitiu a decisão ao presidente Eurico Gaspar Dutra, seu velho amigo, enquanto o próprio Cristiano procuraria Getúlio Vargas e Ademar de Barros, o governador de São Paulo, para oferecer ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) a vice-presidência.

Vargas não objetou a escolha, mas o PSD do Rio Grande do Sul (favorável à indicação de Nereu Ramos) rejeitou a candidatura. O Partido Social Progressista (PSP), de Ademar de Barros, também decidiu não apoiar Cristiano. Sabia que a candidatura de Vargas, apoiada por Ademar, seria lançada em 17 de junho. O próprio tentava adiar a convenção e remover o candidato do PSD, mas não teve sucesso. Cristiano foi aclamado no dia 9 de julho, ou seja, se antecipou a Vargas. Para neutralizar Ademar, Cristiano fez ainda uma aliança com Hugo Borghi, candidato ao governo de São Paulo pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN).

Nas eleições de 3 de outubro de 1950, a chapa Cristiano Machado-Altino Arantes (PSD-PR) concorreu com as de Eduardo Gomes-Odilon Braga (UDN) e Getúlio Vargas-Café Filho (PTB-PSP). O resultado final deu a Getúlio 3.849.040 votos, contra 2.342.384 dados ao brigadeiro Eduardo Gomes e 1.697.193 a Cristiano Machado. O refluxo do setor getulista do PSD em relação à candidatura de Cristiano e a transferência de seus votos para Vargas foi um processo de esvaziamento eleitoral que ficou conhecido no jargão político como “cristianização”.

Ontem, a candidata do MDB à Presidência da República, Simone Tebet, foi “cristianizada” pelo MDB do Rio de Janeiro, que decidiu, em convenção regional, apoiar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e a reeleição do governador Cláudio Castro. Segundo o documento aprovado, a gravidade do momento, sem qualquer desmerecimento à candidatura posta pelo MDB, “impõe já no primeiro turno das eleições apoiar a candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o mais qualificado entre todos para governar”.

O MDB cristianizou Ulysses Guimarães (1989), Orestes Quercia (1994) e Henrique Meirelles (2018), mas nunca de papel passado.

Sem compromisso

Segundo o ex-governador Moreira Franco, um dos autores do texto, não houve nenhum acordo prévio com a Lula. A decisão de apoiar o petista foi tomada mirando quatro objetivos: “1º) fortalecer as instituições políticas democráticas, não para mantê-las congeladas no tempo, mas modernizando-as e adaptando-as às exigências de um mundo que muda cada vez mais rapidamente e não perdoa os retardatários; 2º) não aspirar à reconstituição do passado, consciente de que temos de procurar nosso lugar no futuro que está em gestação em todas as esferas da vida; 3º) recuperar o papel do Estado na liderança e na promoção do desenvolvimento econômico e na repartição dos frutos do progresso, do mesmo modo como o fizeram todos os países democráticos do mundo; 4º) governar em nome de todos os brasileiros e para todos os brasileiros e garantir segurança jurídica e estabilidade institucional para os que produzem e trabalham.”

“Uma coalizão de brasileiros, unidos por estes valores, pode evitar os males que nos ameaçam, dar fim a um momento sombrio de nossa história e lançar as bases duradouras de um verdadeiro desenvolvimento inclusivo e sustentável. Esta é uma oportunidade que não podemos perder”, argumenta o documento aprovado na convenção.

Moreira foi um dos artífices do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff e trabalha para que o ex-presidente Michel Temer também declare apoio a Lula. Mas não houve nenhum sinal efetivo de reaproximação entre ambos. O petista simplesmente esnobou Temer, solidário com Dilma.

O MDB do Rio de Janeiro é presidido pelo deputado Leonardo Picciani, filho do ex-presidente da Assembleia Legislativa Jorge Picciani, velho aliado de Lula. O ex-prefeito de Duque de Caxias Washington Reis foi indicado vice da chapa. Claudio Castro apoia a reeleição do presidente Jair Bolsonaro (PL).

André Janones/Instagram



Lula e Janones vinham, há dias, acenando um para o outro. Petista quer construir um arco de alianças que permita vencer no primeiro turno

Lula traz Janones para perto

» RAPHAEL FELICE

O deputado federal André Janones (MG) retirou, ontem, a candidatura presidencial para apoiar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Os dois se reuniram em São Paulo e fecharam a aliança, em encontro que contou com a presença dos presidentes de PT e Avante — a deputada federal Gleisi Hoffmann (PR) e Luísa Tibé —, além de Geraldo Alckmin, vice na chapa que disputa o Palácio do Planalto. A ideia do petista é construir um amplo arco de apoio para tentar vencer a corrida presidencial no primeiro turno.

O anúncio foi feito pelas redes sociais de Janones. Na transmissão, o deputado afirmou as propostas que elaborou serão inseridas pelo petista no plano de governo, entre elas a manutenção do Auxílio Brasil em R\$ 600. “O Lula está ao meu lado, e vai encampar nossa luta junto conosco. Nesse momento, a gente retira nossa candidatura. A candidatura está unificada e passa pela candidatura do presidente Lula”, garantiu o deputado.

Nas últimas semanas, Lula e Janones vinham trocando aces nas redes sociais. Por conta disso, o então candidato do Avante anunciou a possibilidade

1%

é quanto o deputado federal André Janones (MG), que disputava a corrida presidencial, tinha de acordo com o mais recente Datafolha

de desistir da corrida eleitoral para apoiar o petista. O ex-presidente manifestou o compromisso de inserir as propostas de Janones e afirmou ter “obsessão” em acabar “novamente” com a fome no Brasil.

No anúncio de ontem, Janones criticou o governo do presidente Jair Bolsonaro (PL) e disse que trabalhará “diuturnamente” pela democracia e para derrotar o bolsonarismo. O deputado afirmou, ainda, que as medidas sociais elaboradas pelo governo atual são oportunistas e “usam a fome dos necessitados como moeda eleitoral” — o Auxílio Brasil de R\$ 600 só tem validade até o final do ano.

No último Datafolha, divulgado em 27 de julho, o petista tinha 47% das intenções de voto, enquanto Bolsonaro figurava com 28%. Janones, por sua vez, tinha 1%.

Marçal

O ministro Antônio Carlos Ferreira, do Superior Tribunal de Justiça (STJ), determinou, na noite de quarta-feira, a recondução de Marcus Holanda à presidência do PROS. Ele tinha sido destituído, no começo da semana, do comando da legenda, em decisão liminar do também ministro da Corte, Jorge Mussi.

Dessa forma, a candidatura de Pablo Marçal à Presidência da República, que ia ser retirada por Eurípedes Junior — que assumiu a chefia do partido por poucas horas e anunciou apoio à candidatura de Lula — está mantida.

Isso, porém, não quer dizer que a questão está resolvida. Um áudio que vem circulando nas redes sociais indica que Holanda teria feito pagamentos à irmã de um desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal (TJ-DF) em troca de decisão que o colocou no comando da sigla, em março passado. Marçal, que é aliado do presidente, afirmou que os áudios foram vazados pela ex-mulher do dirigente.

Holanda e Eurípedes disputam judicialmente o comando do PROS. Já formalização ou não da candidatura de Marçal, que negou renunciar à disputa ao Palácio do Planalto, deve ser definida hoje. (Com VC)

Podemos se une à chapa do MDB

O Podemos decidiu, ontem, apoiar Simone Tebet, candidata do MDB à Presidência. O partido se soma à aliança que conta com PSDB e Cidadania, que indicaram a senadora tucana Mara Gabrilli (SP) para vice na chapa. O anúncio da aliança será feito hoje, último dia das convenções partidárias.

A definição pelo apoio ao MDB aconteceu após a legenda avaliar várias alternativas. O Podemos convidou o senador Alvaro Dias (PR) para concorrer ao Palácio do Planalto, mas ele preferiu tentar a reeleição. O partido foi convidado para indicar a vice da candidata do União Brasil, Soraya Thronicke, e também estudava adotar neutralidade na disputa presidencial, mas preferiu selar a aliança com o MDB.

A saída de Sergio Moro, em abril, então pré-candidato do Podemos à Presidência, foi causada pela escassez de recursos do partido, que tem de eleger, novamente, 11 deputados federais para não ser barrado pela Cláusula de Desempenho — que retira o fundo e propaganda das legendas caso não sejam cumpridas.

Após desfiliações, atualmente o Podemos tem oito cadeiras na Câmara. Segundo a cúpula partidária, a meta é conquistar, ao menos, 25 vagas em outubro.